



António Raposo, na ilha de Santiago (Cabo Verde), em julho de 2008.

ANTÓNIO GUILHERME BETTENCOURT RAPOSO (1945-2011)

Luciano Lourenço

Departamento de Geografia e CEGOT
 Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
luciano@uc.pt

21

O Dr. António Guilherme Bettencourt Raposo, Técnico Superior aposentado da Secretaria Regional de Ambiente dos Açores, nasceu em Ponta Delgada, na ilha de São Miguel (Açores), a 3 de julho de 1945.

Cumpriu, como era habitual nesse tempo, o serviço militar obrigatório, tendo ingressado em outubro de 1967 e, após dois anos de serviço, foi mobilizado para uma comissão em Moçambique, que decorreu na área do Niassa, entre outubro de 1969 e dezembro de 1971, altura em que regressou à Metrópole, como ao tempo se designava Portugal continental, tendo passado à situação de disponibilidade em janeiro de 1972.

Regressado à vida civil, exerceu diversas atividades, de entre as quais a de Professor Provisório, a tempo parcial, do 11.º Grupo A, na Escola Secundária Domingos Rebelo, nos anos letivos de 1974/1975 a 1979/80.

Entretanto, ingressou na Universidade, tendo-se licenciado em Geografia, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em outubro de 1983. Depois disso continuou muito ligado ao Departamento de Geografia, não só mantendo e aprofundando as relações pessoais estabelecidas durante o curso com diversos docentes e colegas, mas também através da participação em várias ações de atualização e aperfeiçoamento de conhecimentos, organizadas pelo então denominado Instituto de Estudos Geográficos.

Em dezembro desse ano foi admitido na Secretaria Regional do Equipamento Social da Região Autónoma dos Açores, como Técnico Superior de 2.ª Classe, tendo progredido até ao topo da carreira, dado que se aposentou como Técnico Superior Assessor da Secretaria Regional do Ambiente, em Ponta Delgada.

Sempre preocupado em aumentar os seus conhecimentos sobre o ambiente, frequentou diversos cursos, de entre os quais se destacam o de *Pós-Graduação em Geologia Aplicada e do Ambiente (Riscos Geológicos)*, na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, realizado em fevereiro de 1991, e, depois, em dezembro do mesmo ano, o de *Avaliação de Impactes Ambientais*, que decorreu em Ponta Delgada. Dois anos mais tarde, a sua sede de atualização de conhecimentos levou-o a dedicar-se às novas tecnologias, para mais facilmente produzir cartografia digital e, por isso, em 1993, na Universidade dos Açores, em Ponta Delgada, frequentou dois cursos, respetivamente sobre *Informação Geográfica Computorizada e Sistemas de Informação Geográfica (SIG)*.

Com o mesmo objetivo de ampliar os seus conhecimentos, participou em diversos Colóquios, Congressos, Seminários e Jornadas das mais diversas naturezas, preferencialmente associadas à Geografia e ao Ambiente, designadamente nos Colóquios Ibéricos de Geografia, tendo começado pelo IV, que foi organizado pela Universidade de Coimbra, em setembro de 1986, bem como, depois, participou no V, levado a cabo pela Universidade de Leon, em novembro de 1989, onde apresentou uma comunicação sobre “A problemática da Política Ambiental”, publicada em 1992 no *Livro de Actas, Conferencias y Comunicaciones*, e, por último, no VI, organizado pela Universidade do Porto, em setembro de 1992, com a comunicação “Génese e evolução da costa ocidental da ilha das Flores”, publicada em 1995, no *livro de Actas: A Península Ibérica - um espaço em mutação*, vol.II, p. 735-740.

Como se depreende, a sua participação nestas reuniões científicas, resultava da necessidade de divulgar e de adquirir novos conhecimentos, uma ânsia que o levou a participar em numerosos Encontros que decorreram nas diferentes ilhas dos Açores, em muitos dos quais apresentou conferências e comunicações, designadamente as seguintes:

“Problemas de erosão dos solos em S. Miguel”, apresentada na *Reunião Autárquica dos Municípios do Arquipélago dos Açores, Ponta Delgada*, em janeiro de 1988;

“As chuvas torrenciais de setembro a novembro de 1986 e suas consequências na Povoação e no Faial da Terra, na ilha de S. Miguel, do Arquipélago dos Açores”, apresentada em Angra do Heroísmo (ilha Terceira) durante as 1.as Jornadas Atlânticas de Proteção do Ambiente, realizadas entre 25 de janeiro e 1 de fevereiro de 1988, com participantes dos Açores, Madeira, Canárias e Cabo Verde e publicada em 1991, no respetivo *Livro de Actas e Comunicações*;

“A camada de Ozono”, apresentada na Escola Secundária da Ribeira Grande, na ilha de S. Miguel, no *Dia Mundial da Meteorologia*, em abril de 1990;

Encontro “10 anos após o sismo de 1980”, Angra do Heroísmo, de 1 a 10 de outubro de 1990;

Seminário sobre “O Ruído”, Ponta Delgada, a 23 e 24 de novembro de 1990;

II Workshop Internacional de Malacologia e Biologia Marinha, Vila Franca do Campo, ilha de S. Miguel, em 27 de junho de 1991;

Workshop sobre “As Lagoas de S. Miguel e Eutrofização”, realizado nas Furnas, ilha de S. Miguel, a 14 de novembro de 1991;

“Equilíbrio Ambiental, Geotermia e Regiões Vulcânicas” proferida durante a Conferência Internacional da Universidade dos Açores, Ponta Delgada, em janeiro de 1992;

“Eutrofização Lagunar”, conferência proferida em Angra do Heroísmo, em 1993;

A profunda ligação que mantinha com Coimbra e com a Geografia Portuguesa, de modo geral, levaram-no a participar ativamente em diversas reuniões científicas, realizadas no continente, onde apresentou várias comunicações em algumas delas e de que destacamos as seguintes:

VI Simposium de Geologia Aplicada e do Ambiente, Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa, em fevereiro de 1989;

O ambiente costeiro no século XXI na Carolina do Norte, Auditório da Gulbenkian, Lisboa, em março de 1989;

“Consequências Ambientais da Exploração Geotérmica na ilha de S. Miguel”, III Semana de Geografia Física sobre Geografia Física e Ambiente, Instituto de Estudos Geográficos, Coimbra, de 2 a 5 de Abril de 1990;

I Jornadas de Geografia Humana, Universidade de Coimbra, de 21 a 25 de de janeiro de 1991;

I Congresso da Geografia Portuguesa, Universidade de Lisboa, em abril de 1991.

Já anteriormente e, depois, também durante este período de tempo, participou em várias “Expedições Científicas”, organizadas pelo Departamento de Biologia da Universidade dos Açores a diferentes ilhas açorianas, algumas das quais deram origem à inclusão de textos seus nas respetivas publicações, como se menciona:

S. Jorge, em junho de 1985;

Graciosa, em junho de 1988, com um texto sobre a *Evolução da População da Ilha Graciosa nos últimos 25 anos*, publicado em 1989;

Flores, em julho de 1989 e o texto *A Ilha das Flores: Génese e evolução da sua costa ocidental*, publicado em 1990;

Santa Maria e Formigas, em junho de 1990, com um texto sobre *A Ilha de Santa Maria: História, Clima e Evolução da População*, em colaboração com o Eng.º Victorino Ventura dos Reis, publicado em 1991;

Pico, em junho de 1991;

S. Jorge, de novo, em junho de 1992;

Expedição Açores 89 - Ecologia e Taxonomia do Litoral Marinho, organizada pelo Departamento de Oceanografia e Pescas da Universidade dos Açores, com sede na Horta, em agosto de 1989, sobre a qual redigiu um *Relatório de participação e trabalho desenvolvido na Expedição Açores 89*, publicado em janeiro de 1990.

No verão desse mesmo ano, organizou uma visita de estudo da Universidade do Minho à ilha de São Miguel, denominada “A Geografia Física e a Geografia Humana da ilha de São Miguel”, que decorreu entre 1 e 5 de agosto de 1990.

Ainda durante este período publicou alguns artigos sobre aspetos relacionados com a geografia física da ilha de S. Miguel, nomeadamente:

“As inundações de 2 de setembro de 1986 na Povoação e no Faial da Terra (S. Miguel, Açores)”, *Cadernos de Geografia*, n.º 7, 1988, p. 169-179 (em colaboração com Fernando Rebelo);

“Consequências Ambientais da Exploração Geotérmica em S. Miguel (Açores)”, *Cadernos de Geografia*, n.º 9, 1990, p. 117-125;

Lamentavelmente, quando se encontrava no auge de uma das fases mais ativas da sua vida foi acometido de doença, que não só o impediu de continuar a investigação que o seduzia, mas também o impossibilitou de trabalhar, entre 1995 e 1997, nas funções que normalmente desempenhava na Secretaria Regional.

Uma vez recuperado, qual fénix renascida das cinzas, voltou a dedicar-se à investigação e à partilha de informação, participando em diversas reuniões científicas, em muitas das quais apresentou comunicações, tanto no arquipélago, como no continente, nomeadamente as seguintes:

“Riscos Urbanos: a tragédia da Ribeira Quente, na ilha de S. Miguel, a 31 de outubro de 1997”, apresentada um ano depois ao *V Encontro sobre Riscos Naturais, Auditório da Reitoria*, Universidade de Coimbra, 30 de Outubro de 1998;

“Geomorfologia das Regiões Vulcânicas dos Açores”, *Encontros de Geomorfologia de Coimbra*, Universidade de Coimbra, 11 a 13 de novembro de 1999;

“Vulcanismo em Portugal Insular - Previsão, Proteção e Informação” (1); Geotermia em Portugal Insular” (2); Cheias - Previsão, Prevenção e Informação” (3); Movimento de terras e estabilidade de vertentes. Factor Clima e Factor Antrópico” (4), *Seminário sobre Geologia Ambiental, Universidade do Minho*, Braga, 23 a 25 de fevereiro de 2000;

VII Encontro de Riscos Naturais, Universidade de Coimbra, 27 de outubro de 2000;

I Encontro Internacional de Vulcanologia, Ilha do Pico, 26 a 28 de janeiro de 2001;

III Colóquio de Geografia de Coimbra, Universidade de Coimbra, 15 e 16 de março de 2001;

Encontro sobre Danos Futuros do Ambiente, Ponta Delgada, 15 de maio de 2001;

I Jornadas sobre Riscos Sísmicos nas ilhas do Grupo Central dos Açores, Angra do Heroísmo, 24 e 25 de maio de 2001;

II Seminário sobre Geologia Ambiental: Desprendimentos de terras e estabilidade de vertentes, Universidade do Minho, 1 e 2 de julho de 2001;

IV Congresso da Geografia Portuguesa, Universidade de Lisboa, 2 a 4 de outubro de 2001;

II Encontro Internacional de Vulcanologia, Ilha do Pico, março de 2002;

Encontro Internacional “Litoral 2002”, Universidade do Porto, setembro de 2002.

Durante este período, continuou a manter uma estreita relação com Coimbra, o que lhe permitiu publicar alguns dos resultados da sua investigação, designadamente a que realizou sobre a catástrofe da Ribeira Quente, onde, aliás, possuía uma habitação de veraneio e que era ponto de passagem obrigatório para os colegas do continente que, em serviço ou de férias passavam por S. Miguel, já que nela os recebia afavelmente e brindava com um delicioso almoço, o afamado cozido das Furnas, sempre minuciosamente preparado por ele e pela esposa, Dr.^a Maria Leonor.

Sobre a supramencionada catástrofe, individualmente ou em colaboração, acabou por publicar três trabalhos, destinados a públicos diferentes:

Breve nota sobre a tragédia da Ribeira Quente (S. Miguel, Açores) ocorrida na madrugada de 31 de Outubro de 1997”, *Territorium*, n.º 5, 1997, p. 73-4 (em colaboração com Fernando Rebelo). Disponível em: http://www.uc.pt/fluc/nicif/riscos/Documentacao/Territorium/T05_artg/T05_NNR01.pdf;

“A catástrofe da Ribeira Quente (S. Miguel, Açores) ocorrida na madrugada de 31 de outubro de 1997”, *Açoreana/Boletim da Sociedade “Afonso Chaves”*, vol. VIII, fasc. IV, 1998;

“A catástrofe da Ribeira Quente (S. Miguel, Açores)” ENB; *Revista Técnica e Formativa da Escola Nacional de Bombeiros*, n.º 11, 1999, p. 19-28 (em colaboração com Luciano Lourenço);

Foi no decurso de uma dessas reuniões científicas realizada em Coimbra, mais precisamente nos *Encontros de Geomorfologia de Coimbra*, realizados em Novembro de 1999, que me encontrei com o Dr. António Raposo e, em conversa, ele me manifestou a intenção de querer vir a desenvolver um trabalho sobre a “Geografia Açoriana”, tendo-me solicitado a orientação científica do mesmo, ao que, naturalmente, acedi com todo o gosto.

Desde logo, entendeu-se que seria de começar pelos aspectos mais ligados à Geografia Física, por mais o atraíam, tendo-se gizado um plano, subdividido em cinco capítulos diferentes mas complementares, e definido as linhas gerais do trabalho, após o que O Dr. Raposo regressou aos Açores com o objectivo de, uma vez autorizada a sua realização, proceder, numa primeira fase, à pesquisa e recolha de diversa documentação de base, nomeadamente bibliográfica e cartográfica, para depois se dedicar ao trabalho de campo.

Os resultados obtidos durante esta primeira fase de pesquisa documental seriam fundamentais, pois neles iria assentar todo o trabalho a realizar e permitiriam, ou não, introduzir desde logo as primeiras alterações ao plano de trabalho antes acertado.

Assim, sensivelmente um ano depois, com base no material recolhido, redimensionou-se o plano de trabalho e passou-se à fase seguinte, a do trabalho de campo, com reconhecimento de todas as ilhas açorianas, essencialmente para identificação geomorfológica e registo fotográfico das principais formas de relevo, o que foi efectuado durante os meses de verão do ano de 2000.

No final do mês de Outubro desse ano de 2000, o Dr. Raposo veio de novo a Coimbra, com o duplo objectivo de participar no VII Encontro de Riscos Naturais e Urbanos, e de me dar conta do estado de adiantamento dos trabalhos. Apesar das dificuldades de locomoção, recorde-me que se deslocava com ajuda de “canadianas”, fez-se acompanhar por cerca de duas dezenas de quilos, correspondentes ao peso do material entretanto recolhido.

Esta deslocação a Coimbra permitiu, entre outros aspectos, uma primeira seleção das muitas centenas de fotografias, obtidas durante diferentes missões de reconhecimento, realizadas com a colaboração tanto da Marinha Portuguesa, que o transportou, como da Direção Regional do Ambiente, onde trabalhava e que lhe facilitou essas deslocações, o que, deste modo, permitiu a obtenção de muitas centenas de fotografias de formas e formações costeiras, obtidas a partir do mar, bem como a apreciação de uma enorme quantidade de gráficos climatológicos por ele elaborados e, ainda, o seu cruzamento dessas informações com muitos outros materiais também por ele recolhidos e de que se fez acompanhar, sem dúvida uma impressionante quantidade de material trabalhado neste curto espaço de tempo e nem sempre nas melhores condições de saúde.

As várias reuniões que tivemos durante o período de tempo em que permaneceu em Coimbra, permitiram introduzir alguns ajustamentos, tanto no plano como na metodologia de trabalho, tendo-se decidido redesenhar alguns dos gráficos climatológicos, de modo a adequá-los a uma leitura mais fácil, e identificar com precisão todas as fotografias, para poder incluí-las na ilustração dos aspectos mais relevantes do texto, cuja redação passaria a ser a prioridade seguinte.

Numa sua posterior deslocação a Coimbra, em Março de 2002, tive oportunidade de verificar como o trabalho teve um avanço considerável durante o ano de 2001, através da apreciação de grande quantidade de páginas manuscritas, redigidas de acordo com a metodologia anteriormente definida. Decidiu-se, então, que seria mais prático informatizá-las, passando-as para um programa de processamento de texto, dando-lhe um aspecto mais próximo daquele que deveria ter a apresentação final, o qual não só permitiria a apreciação simultânea do texto e das respectivas ilustrações, mas também tornaria a leitura mais fácil.

Os vários textos que se encontravam redigidos correspondiam a uma primeira versão dos levantamentos efetuados em todas as ilhas do arquipélago dos Açores, sobre alguns dos diferentes aspetos a incluir na publicação, tais como: vulcanologia, modelado vulcânico, geomorfologia, climatologia, hidrologia, biogeografia e orla costeira.

Face ao andamento dos trabalhos, sempre mais moroso do que seria desejável, tornou-se necessário proceder a alguns acertos no plano inicialmente definido, sobretudo em termos da sua calendarização e na forma de publicação, com vista a agilizar e acelerar a conclusão individual de cada um dos capítulos que se encontrava em estado mais avançado de adiantamento, de modo a permitir a sua rápida disponibilização e, assim, progressivamente, o público passar a ter acesso, de uma forma expedita, à sequência dos textos que iriam integrar essa Geografia Açoriana.

Cerca de dois meses depois, em maio, numa deslocação que realizei aos Açores, a convite da organização do V Encontro Regional de Educação Ambiental, que decorreu na ilha de Santa Maria, tive oportunidade de me encontrar com o Dr. Raposo para acompanhar o avanço dos trabalhos e, com grande mágoa, verifiquei que, por condicionalismos vários, devidos a um conjunto diverso de circunstâncias adversas, limitações e contratempos de vária ordem, a redação tinha sido interrompida, quebrando o bom ritmo com que estava a decorrer anteriormente, nomeadamente durante o ano de 2001.

Nesta altura ficou acordado prosseguir com o trabalho, com vista à sua conclusão, mas houve um manifesto desinvestimento do Dr. Raposo nesta tarefa, fruto das circunstâncias da vida, pelo que o ritmo de produção decresceu de modo vertiginoso, embora mantivesse a expectativa de mais tarde, concluir o trabalho, tanto mais que na sequência dos estudos publicados em 1997 e 1998, sobre a bacia hidrográfica da Ribeira Quente, prosseguiu a caracterização das bacias hidrográficas da ilha de S. Miguel, tendo terminado a redação dos seguintes textos relativo ao capítulo da hidrologia: (i) A Maia (ilha de S. Miguel) e as suas bacias hidrográficas; (ii) Bacia hidrográfica da ribeira Seca (ilha de S. Miguel). Risco de cheias; (iii) Bacia hidrográfica da ribeira de S. Tiago (Água de Pau, S. Miguel); (iv) Bacia hidrográfica da ribeira do Porto Formoso (ilha de S. Miguel); (v) Bacia hidrográfica da ribeira do Toucinho (S. Brás, S. Miguel).

Do mesmo modo, foi avançando na redação doutros capítulos, tendo concluído textos sobre: (i) O sismo de 9 de julho de 1998, na ilha do Faial; (ii) Caracterização física da Reserva Natural da Lagoa do Fogo (ilha de S. Miguel); (iii) As 48

Fajãs da ilha de S. Jorge; (iv) Jardins de Ponta Delgada e a sua história; (v) Moinhos de vento e azenhas da ilha de Santa Maria; (vi) Moinhos de vento e azenhas da ilha de S. Miguel.

Entretanto a doença voltou a afetá-lo, acabando por levar a que se viesse a aposentar, em 30 de Agosto de 2004, e a interromper a redação da sua “Geografia Açoriana”.

Passado algum tempo e uma vez recuperado, voltou a participar em Congressos, como, por exemplo, em março de 2008, no IV Encontro Nacional de Riscos, na sequência do qual se veio a tornar associado da RISCOS, e, no ano seguinte, em maio de 2009, no V Encontro Nacional e I Congresso Internacional de Riscos.

Com este novo envolvimento, os contactos voltaram a intensificar-se, tendo passado a ser mais frequentes e estava, de novo empenhado em concluir os capítulos antes iniciados sobre a Geografia Açoriana, embora a um ritmo mais lento do que antes, na medida em que tinha optado por visitar antigos destinos e conhecer novas paragens.

De entre as viagens realizadas neste período recordo algumas das que mais o marcaram, como, por exemplo, a que, em outubro de 2007, realizou à Amazónia, na companhia dos seus filhos e de alguns amigos. Além da cidade de Manaus e da sua principal atração turística, conhecida pelo “Encontro das Águas”, na confluência do rio Negro que, como o nome indica, apresenta uma tonalidade escura, com o rio Solimões, de água mais acastanhada, cujas águas correm lado a lado sem se misturarem, formando a partir daí o Amazonas, aquilo que mais o impressionou foi precisamente a viagem de barco que, durante alguns dias, efetuou ao longo deste rio, com incursões e caminhadas pelo interior da selva e algumas aventuras à mistura, algo que impressiona e deixa uma marca indelével em todos quantos têm a possibilidade de se deixar transportar para este mundo maravilhoso, com tive possibilidade de testemunhar alguns anos depois, em 2011, durante a realização do VII Seminário Latino-Americano e III Seminário Ibero-Americano de Geografia Física.

Uma outra viagem, que atesta bem a persistência do seu carácter, a par de uma personalidade muito vincada, foi a que realizou sozinho, em novembro de 2008, numa primeira tentativa para chegar ao Norte de Moçambique onde, como referimos no início, tinha cumprido parte do serviço militar, combatendo na região do Niassa, mas, que acabou por interromper, por falta de segurança, não tendo passado de Nampula. Recordo o entusiasmo com que relatava algumas das peripécias vividas durante essa viagem e o desconforto que lhe causou encontrar uma grande parte do país destruído e desorganizado, com uma grande falta de segurança, que o obrigou a desistir (e quem o conhecia sabe que não era homem para desistir facilmente) quando já se encontrava muito próximo do objetivo. Na realidade, não desistiu, apenas adiou a parte final da viagem, como veremos.

Sensivelmente dois anos depois, em Junho de 2010, após a realização do VI Seminário Latino Americano de Geografia Física, em Coimbra, apercebi-me de como, em apenas 3 ou 4 dias planeou uma viagem para, na companhia de sua esposa, visitar várias cidades de diversos países europeus. Como considerava que o comboio era o meio de transporte que melhor permitia a observação da paisagem, apenas realizou a viagem inicial, de Lisboa para Praga, bem como a final, de regresso de Roma a Lisboa, em avião. Todas as restantes, de Praga a Viena, Salzburgo, Veneza, Florença, Toscana e Roma foram, assim, efetuadas de comboio.

A sua grande sensibilidade de geógrafo e de atento observador da paisagem criavam nele uma profunda necessidade de conhecer novas paragens e, por isso, em outubro de 2010, aproveitando a realização do XXXI Congresso Nacional e XVI Internacional de Geografia, organizado pelo Instituto de Geociências da Faculdade de Ciências da Universidade Austral de Chile, em Valdivia, na região de Los Lagos, e onde apresentou a comunicação “A ocupação humana associada aos riscos sísmo-vulcânicos e climáticos no arquipélago dos Açores (Portugal): da década de 80 até à actualidade”, publicada nos *Anales de la Sociedad Chilena de Ciencias Geográficas*, 2010, p. 21-24, não só aproveitou para, acompanhado pela esposa, conhecer Valdivia, mas também esteve em Santiago do Chile e Valparaíso, e ainda se deslocou a Bariloche, na Argentina, a fim de aí visitar a área envolvente de um vulcão, considerado extinto, conhecido por “Cerro Tronador” e, em particular, um dos seus glaciares, denominado Ventisquero Negro, que se desenvolve na parte superior do Rio Manso.

Depois, em janeiro de 2011, deslocou-se à ilha das Flores para observar os danos provocados pelas chuvas torrenciais e para investigar a “grande derrocada da Fajãzinha”, um importante deslizamento, ocorrido a 2 de dezembro do ano anterior, que deixou isolados mais de 80 habitantes e soterrada mais de metade da freguesia da Fajãzinha, tendo recolhido abundante documentação fotográfica e procedido a diversas entrevistas, que estava a preparar para publicação.

Mas, menos de meio ano depois, em maio de 2011, já estava de regresso a Moçambique, desta vez na companhia de um amigo, para aí vir percorrer muitos e muitos quilómetros, até chegar ao lugar de destino há muito ambicionado

e onde sonhava voltar: ao “mato”, da região do Niassa, como era conhecido na gíria militar, onde na sua juventude tinha cumprido dois anos de serviço militar obrigatório. Orgulhoso por ter cumprido mais esta arrojada e difícil missão, regressou a Ponta Delgada no dia 1 de Junho, cheio de histórias e de peripécias da viagem para contar, nomeio das quais podia agora, com mais tranquilidade, concluir a sua Geografia Açoriana, mas, quando nada o fazia prever, partiu para uma viagem sem retorno, inesperadamente, uma semana depois, a 8 de junho de 2011.

26

Recordo-me, como se fosse hoje, do telefonema que recebi do seu filho. Encontrava-me no “meu” Goulinho, a aldeia onde nasci. Quando o interlocutor se identificou como sendo o filho do António Guilherme Raposo, de imediato percebi que algo de grave teria acontecido ao seu pai, para não ser ele a telefonar-me, mas longe de mim imaginar que iria receber a fatídica notícia, que acabou por me transmitiu de imediato: “O meu pai faleceu. Como era seu amigo, não podia deixar de lho comunicar”. Enfim, apanhado de chofre, fiquei estarecido perante tão imprevisível notícia, que a todos nos apanhou de surpresa, deixando-me a pensar em como é volátil a nossa existência.

Embora a vida seja assim, de um momento para o outro podemos deixar de existir fisicamente, mas como o espírito permanece, o mais importante é recordar a sua memória e, desta forma despretenhosa mas simbólica, homenagear o colega e amigo que sempre nos recebia de braços abertos e, com grande generosidade, guiava todos os amigos que visitavam a sua querida ilha de S. Miguel.